

História e Política:

Pensamentos
constitutivos
e críticos



2

Denise Pereira
Karen Fernanda Bortoloti
(Organizadoras)

Atena
Editora
Ano 2022

História e Política:

Pensamentos
constitutivos
e críticos



2

Denise Pereira
Karen Fernanda Bortoloti
(Organizadoras)

Atena
Editora
Ano 2022

Editora chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Editora executiva

Natalia Oliveira

Assistente editorial

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto gráfico

Camila Alves de Cremo

Daphynny Pamplona

Gabriel Motomu Teshima

Luiza Alves Batista

Natália Sandrini de Azevedo

Imagens da capa

iStock

Edição de arte

Luiza Alves Batista

2022 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do texto © 2022 Os autores

Copyright da edição © 2022 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

Open access publication by Atena Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial**Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí

Prof. Dr. Alexandre de Freitas Carneiro – Universidade Federal de Rondônia

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Profª Drª Ana Maria Aguiar Frias – Universidade de Évora

Profª Drª Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa



Prof. Dr. Antonio Carlos da Silva – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Arnaldo Oliveira Souza Júnior – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense
Prof^ª Dr^ª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof^ª Dr^ª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Prof. Dr. Humberto Costa – Universidade Federal do Paraná
Prof^ª Dr^ª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadilson Marinho da Silva – Secretaria de Educação de Pernambuco
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. José Luis Montesillo-Cedillo – Universidad Autónoma del Estado de México
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Prof^ª Dr^ª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal do Paraná
Prof^ª Dr^ª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof^ª Dr^ª Lucicleia Barreto Queiroz – Universidade Federal do Acre
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Universidade do Estado de Minas Gerais
Prof^ª Dr^ª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof^ª Dr^ª Marianne Sousa Barbosa – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Prof^ª Dr^ª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Miguel Rodrigues Netto – Universidade do Estado de Mato Grosso
Prof. Dr. Pedro Henrique Máximo Pereira – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Dr. Pablo Ricardo de Lima Falcão – Universidade de Pernambuco
Prof^ª Dr^ª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^ª Dr^ª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof^ª Dr^ª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof^ª Dr^ª Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins



História e política: pensamentos constitutivos e críticos 2

Diagramação: Camila Alves de Cremo
Correção: Yaidy Paola Martinez
Indexação: Amanda Kelly da Costa Veiga
Revisão: Os autores
Organizadoras: Denise Pereira
Karen Fernanda Bortoloti

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

H673 História e política: pensamentos constitutivos e críticos 2 / Organizadoras Denise Pereira, Karen Fernanda Bortoloti. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2022.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5983-952-0

DOI: <https://doi.org/10.22533/at.ed.520221802>

1. História. I. Pereira, Denise (Organizadora). II. Bortoloti, Karen Fernanda (Organizadora). III. Título.

CDD 901

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná – Brasil
Telefone: +55 (42) 3323-5493
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br



DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.



DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access*, *desta forma* não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.



APRESENTAÇÃO

Ao olhar ingênuo a aproximação entre história e política pode parecer tácita, uma vez que é comum dizermos “história política” de um país, por exemplo, todavia não o é. Ao longo do tempo existiram momentos de aproximação, em busca de explicações e apoio, mas também períodos de estranhamento. Alguns pensadores chegaram mesmo a referendar, a partir da História das Ideias, que o pensamento político compunha um mundo à parte, no qual os filósofos debateriam entre si, mesmo distantes no tempo e no espaço.

A distinção entre história, como disciplina e método, e histórico, como característica de processos e práticas que acontecem no tempo e no espaço, não é apenas um recurso para ressaltar extensão da articulação entre história e política. Para além da separação proposta por Weber entre singularidade e generalização, que diferencia analiticamente a causalidade histórica da sociológica, forjou-se um vocabulário que contaminou certos segmentos da ciência política como, por exemplo, tempo, conjuntura, contexto, evento e sequência.

Nos últimos tempos observamos, no Brasil, a aproximação entre História e Política têm recebido uma expressiva revitalização. Observamos, e a obra que temos em mãos é um bom exemplo, um diálogo interdisciplinar mais amplo nos trabalhos específicos da área.

A necessidade deste diálogo para a formação dos pesquisadores das duas áreas e, porque não, para o público em geral, é importante para a compreensão da realidade que nos circunda. Não podemos esquecer que toda a ação política ocorre em um espaço de experiências, construindo e interferindo nas memórias, nas formas de pensar, nas instituições que constituem as comunidades.

Como nos ensinou Hannah Arendt, a política é uma necessidade imperiosa para a vida humana e, ainda maior para a sociedade, sendo, portanto, uma das funções da política garantir a vida dos indivíduos. Como necessidade dos indivíduos, a política interfere na existência e na convivência, cabendo a história elucidar como instituições, partidos, processos eleitorais, já que a nossa democracia é representativa, foram pensados e tornados possíveis em determinadas condições de tempo e espaço.

Assim, é de suma importância que a relação dialogal entre a História e a Política sejam mantidas e aprimoradas de forma prospectiva para a melhor compreensão da sociedade sobre ela mesma, para o entendimento das transformações sócio-históricas, das formas de pensamento.

Esperamos que as leituras destes capítulos possam ampliar seus conhecimentos e instigar novas reflexões.


Denise Pereira
Karen Fernanda Bortoloti

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1..... 1

“EMISSÁRIOS E SEUS VERTIGINOSOS PLANOS”: A AÇÃO DE LIBERAIS REPUBLICANOS NA REVOLTA DOS MATUTOS (PERNAMBUCO – 1838)


Manoel Nunes Cavalcanti Junior

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.5202218021>

CAPÍTULO 2..... 11

A ARTICULAÇÃO ENTRE CIDADE E SUBJETIVIDADE NA LITERATURA URBANA PÓS-MODERNA

Felipe Dias Ramos Loureiro


 <https://doi.org/10.22533/at.ed.5202218022>

CAPÍTULO 3..... 25

A ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DO ESTADO DA PARAHYBA DO NORTE: ESTADO, INTERVENÇÃO LEGISLATIVA, EDUCAÇÃO E SOCIEDADE (1928 – 1930)

Roberto Jorge Chaves Araújo

Jean Carlo de Carvalho Costa

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.5202218023>

CAPÍTULO 4..... 46

A CONCEPÇÃO DA DOCTRINA REFORMISTA DA IGREJA MEDIEVAL A PARTIR DE ARNALDO DE VILANOVA (SÉCULO XIV)

Nabio Vanutt da Silva

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.5202218024>

CAPÍTULO 5..... 56

A COOPERATIVIZAÇÃO SOB O REGIME DO KHMER VERMELHO (1973-1979)


Jorge Arbage

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.5202218025>

CAPÍTULO 6..... 67

ANÁLISES DE EXPERIÊNCIAS NA PRÁTICA DO ENSINO DA HISTÓRIA E CULTURA AFROBRASILEIRA, AFRICANA E INDÍGENA ENTRE ESTUDANTES NO ENSINO MÉDIO INTEGRADO

Fabiano Brito Dos Santos


 <https://doi.org/10.22533/at.ed.5202218026>








CAPÍTULO 7..... 80


CONFISSÕES DA MADONNA: A HISTÓRIA DE UMA VÊNUS FEITA ARTE EM WILLENDORF

Carlos Velázquez

Alessandra C. Alcântara

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.5202218027>


CAPÍTULO 8	93
DA CONSTITUIÇÃO FEDERAL DE 1988 AO RECONHECIMENTO JURÍDICO E ACESSO CARTORIAL AO CASAMENTO GAY: CAMINHOS E DESCAMINHOS	
Paulo Sérgio da Silva Ana Paula da Silva	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.5202218028	
CAPÍTULO 9	104
ECOS DE MEMÓRIA DE UMA ESCOLA CENTENÁRIA	
Tânia Regina da Rocha Unglaub Cleia Demétrio Pereira	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.5202218029	
CAPÍTULO 10	117
HISTÓRIAS SOBRE JOVENS, REPRESSÃO E CONSUMO DE DROGAS NO BRASIL	
Ana Maria Cardachevski	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.52022180210	
CAPÍTULO 11	134
ÍNDIOS PANKARÁ: ENTRE A SERRA E O RIO. HISTÓRIA, MEMÓRIA E ALTERIDADE	
Alberto Reani	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.52022180211	
CAPÍTULO 12	147
MEMÓRIA E EFEITO DE SENTIDO DA FILIAÇÃO NAS CONSTITUIÇÕES BRASILEIRAS DE 1934 E 1988	
Flávia David Vieira Edvania Gomes da Silva	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.52022180212	
CAPÍTULO 13	167
NO VÁCUO DO TEMPO PRESENTE: O PASSADO DO BRASIL ENTRE NARRATIVAS	
Arthur Henrique Lux Lobo	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.52022180213	
CAPÍTULO 14	182
O BANCO MEDICI NA ERA DE COSIMO, O VELHO, COMO INSTRUMENTO DE CONSOLIDAÇÃO DO PODER POLÍTICO-ECONÔMICO: A PERSPECTIVA DE MAQUIAVEL E GUICCIARDINI	
Bianca Coradin Benedeti	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.52022180214	
CAPÍTULO 15	189
O TRABALHISMO VARGUISTA ENTRE AS TRINCHEIRAS DA OPOSIÇÃO (1943-1945)	
Juliana Martins Alves	

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.52022180215>

CAPÍTULO 16.....201

OS PENSAMENTOS POLÍTICOS DE MICHEL FOUCAULT E NORBERTO BOBBIO
ACERCA DA FUNÇÃO SOCIAL DOS INTELLECTUAIS

Rodrigo Davi Almeida

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.52022180216>


CAPÍTULO 17.....212

POLÍTICAS PÚBLICAS EM EDUCAÇÃO E AVALIAÇÃO: POLÍTICAS DE ESTADO OU
POLÍTICAS DE GOVERNO?

Rafael Ângelo Bunhi Pinto

Silvana Maria Gabaldo Xavier

Giane Aparecida Sales da Silva Mota

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.52022180217>


CAPÍTULO 18.....226

RELATOS DE UMA EXPERIÊNCIA NA PRESERVAÇÃO E ORGANIZAÇÃO DE ACERVOS:
OS ACERVOS TEATRAIS ALOCADOS NA SALA ANTÔNIO MANOEL DE SOUZA
GUERRA CEDOC/UFSJ

Berilo Luigi Deiró Nosella

Fabiana Siqueira Fontana

Isabela Francisconi

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.52022180218>

CAPÍTULO 19.....234

TEKOHA: LUGAR DE MEMÓRIA E VIDA


Raul Claudio Lima Falcão

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.52022180219>

CAPÍTULO 20.....247

UMA ANÁLISE SOBRE A (NÃO) PARTICIPAÇÃO POPULAR NO PROCESSO DE
TOMBAMENTO

Priscila Angelo Tarabossi

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.52022180220>

SOBRE AS ORGANIZADORAS.....259

ÍNDICE REMISSIVO.....260

CAPÍTULO 7

CONFISSÕES DA MADONNA: A HISTÓRIA DE UMA VÊNUS FEITA ARTE EM WILLENDORF

Data de aceite: 01/02/2022

Data de submissão 29/10/2021

Carlos Velázquez

Prof. Titular na Universidade de Fortaleza
– Unifor, Fortaleza, Ce. Coordenador do
Movimento Investigativo transdisciplinar do
Homem – MITHO e Membro Honorário do
Instituto Labirinto de Psicologia Analítica de
Fortaleza

<http://lattes.cnpq.br/7170692791411775>

<https://orcid.org/0000-0001-6971-1167>

Alessandra C. Alcântara

Professora auxiliar na Universidade de
Fortaleza – Unifor
Fortaleza, Ce

RESUMO: A revisão de algumas das mais influentes obras no âmbito da História da Arte revela um dado interessante: não há consenso quanto ao significado do que, de fato, seria a arte. Caberia questionar como é que, na ausência de objeto, é possível distinguir um corpo historiográfico específico da arte. Entretanto, o interesse que move esta reflexão visa um pouco além, pois procura especular em torno da seguinte hipótese: A inconsistência epistemológica da História da Arte não decorre da ambiguidade conceitual do objeto-arte, mas da própria tentativa de fazer da arte um campo de estudo distinto é independente da complexidade fenomênica da vida humana em correlação com o meio. Destarte, com apoio na pesquisa bibliográfica

e documental, propõe-se uma interpretação diferenciada da Vênus de Willendorf, a fim de evidenciar que, apesar da grande recorrência dessa obra nos livros de História da Arte, em inúmeros aspectos ela extravasa as tentativas de definição epistemológica; por outro lado, sua interpretação comparativa evidencia a complexidade articulatória de uma forma de existência menos unilateralmente racionalista e, portanto, muito mais tendente à interação com o meio.

PALAVRAS-CHAVE: História da Arte; Racionalismo; Pensamento Mítico; Vênus de Willendorf.

MADONNA'S CONFESSIONS: THE STORY OF A VENUS MADE ART IN WILLENDORF

ABSTRACT: The review of some of the most influential works in the field of Art History reveals an interesting fact: there is no consensus as to the meaning of what, in fact, art would be. It would be worth asking how, in the absence of an object, it is possible to distinguish a specific historiographical body of art. However, the interest that drives this reflection goes a little further, as it seeks to speculate around the following hypothesis: The epistemological inconsistency of Art History does not result from the conceptual ambiguity of the object-art, but from the very attempt to make art a field of distinct study is independent of the phenomenal complexity of human life in correlation with the environment. Thus, supported by bibliographical and documental research, a differentiated interpretation of the Willendorf Venus is proposed, in order to show that, despite

the great recurrence of this work in Art History books, in many respects it goes beyond attempts at an epistemological definition ; on the other hand, its comparative interpretation highlights the articulatory complexity of a form of existence that is less unilaterally rationalistic and, therefore, much more prone to interaction with the environment.

KEYWORDS: History of Art; Rationalism; Mythical Thought; Venus of Willendorf.

INTRODUÇÃO

Segundo Xavier Barral I (1990), os campos temáticos da História da Arte se dividem em dois grandes grupos. Um deles, a História da Arte propriamente dita, estaria constituído por campos tradicionalmente aceitos, como a arquitetura, a escultura, a pintura, e demais artes da cor e dos objetos. O outro integraria disciplinas como o teatro, a dança, a música, a poesia e o cinema que, embora tenham sido consideradas como arte no sentido medieval do termo, são raramente levadas em conta no estrito sentido da História da Arte. (BARRAL I ALTET, 1990:10-11)

Sobre quem e por que “aceitou os campos tradicionais da História da Arte” discorri amplamente em outro texto (VELÁZQUEZ, 2015); limito-me, portanto, a sugerir, em observância do objeto deste trabalho, que a convenção que Barral refere corresponde à inversão socioeconômica e cultural que marcou o início da Era Moderna, na Europa ocidental. Não é menos curiosa, entretanto, a inclusão do cinema no grupo das artes “assim consideradas na Idade Média”; seja porque, obviamente, o cinema nunca fez objeto de considerações medievais ou porque, numa inversão de perspectiva, teríamos que aceitar que o cinema é uma espécie de arte ao estilo medieval ou, como se nomeia desde a crise romântica do século XIX, um tipo de arte neogótico. Parece-me que Barral quer se referir ao que Subirach chama de “artes que se desenvolvem prioritariamente no tempo”(SUBIRACH, 1995: 09), onde, de fato, é possível encontrar uma diferenciação taxonômica, embora não medieval, mas antiga.

Como observa Abbagnano, de forma geral, arte é “todo conjunto de regras capazes de dirigir uma atividade humana qualquer” (ABBAGNANO, 2000: 81), donde o termo grego para arte é *techné*, técnica, e em latim é *ars*, que significa “habilidade, destreza, ofício” (GÓMEZ DE SILVA, 1998: 81). Dessa forma entendia Platão a arte, como a ordenação, a técnica que possibilita todas as atividades humanas, inclusive a ciência. Assim pode-se perceber, por exemplo, na leitura da República (PLATÃO, 2000), onde, por sinal, Platão distinguiu um grupo de artes particularmente importantes para a educação: as “artes das musas”, cuja designação grupal era *mousiké*, geralmente interpretada – infelizmente – apenas como música.

Digo “infelizmente” porque essa compreensão resulta lastimosamente redutiva. Na cultura antiga do mediterrâneo as musas faziam música, dançavam, declamavam poesias e narravam feitos míticos. Na consolidação da cultura greco-romana, as musas simbolizavam nove técnicas que se desenvolviam no tempo: a poesia épica, a poesia lírica, a tragédia, a

comédia, a pantomima, a música, a dança, a história e a astronomia. (KURY, 2009)

O descuido de Barral I em referir apenas a vigência medieval das artes do tempo pode justificar-se no fato de Plotino ter revigorado a concepção platônica ao destacar, dentre todas as outras, as “artes práticas”, como o grupo de técnicas que “tendem a agir sobre os homens tornando-os melhores ou piores” (PLOTINO, 1924: 31). Ora, estas artes práticas correspondiam à poesia, ao teatro, às narrativas, à música e à dança e, dado que podiam fazer com que os homens se tornassem melhores ou piores, resulta claro que eram apreciadas por seu valor educativo. Foi nesse sentido que a música (*mousiké*) passou a integrar o currículo medieval das artes liberais, assim chamado por visar à libertação espiritual de seus cultivadores. (CAMBI, 1999)

Poder-se-ia pensar que a História da Arte “propriamente dita”, como a define Barral I, teve início na oposição da cultura moderna perante a história medieval e antiga. Assim o corroboraríamos se aceitamos como marco cronológico a monumental História da Arte de J. Winckelmann (1789), a não ser porque o historiador alemão não escreveu a história da arte renascentista, mas a da Antiguidade, entendendo por arte as técnicas “da cor e dos objetos”, a despeito das “artes do tempo” ou de qualquer outra arte. Isto me sugere, permita-me dizê-lo, que a ideologia moderna visitou a Antiguidade a procura do que pretendia encontrar, a despeito do que poderia ter encontrado.

Esta introdução me parece necessária na tentativa de manter um pouco de coerência perante o que se segue. Segundo Cumming:

A função e o objetivo de uma grande obra de arte, as expectativas nela depositadas e o papel do artista não são constantes; variam conforme a época e a sociedade. Contudo, algumas obras se destacam por terem capacidade de falar algo além de sua própria época e oferecem uma inspiração e um significado que atravessam os tempos. [...] Hoje, o conceito de obra-prima está estreitamente ligado ao de um grande museu, onde tesouros artísticos são exibidos para que todos possam vê-los. (CUMMING, 1996: 08)

A julgar pelas palavras do historiador, deveríamos aceitar que a História da Arte é uma disciplina sem objeto, dado que suas mutações entre tempos e culturas impossibilitam o seguimento de um rasto contínuo. A possibilidade de acompanhar a história das obras com capacidade de falar além da própria época, e que oferecem inspiração e significado que atravessa os tempos vê-se falseada pelo desinteresse por obras destacadas entre as artes do tempo e, inclusive, entre as artes do conhecimento. Seria difícil afirmar que Dom Quixote de Cervantes ou que a filosofia de Platão não falam além da própria época e oferecem inspiração e significado que atravessa os tempos, entretanto, nenhuma das duas obras é objeto da História da Arte. Por outro lado, se nos ativermos aos limites da cor e dos objetos, faço minhas as palavras de Berguer:

A história da arte falhou totalmente em equacionar o problema da relação entre o que, da tradição europeia, eram obras importantes ou medianas. A noção de gênio não é por si própria uma resposta adequada. Conseqüentemente,

permanece a confusão nas paredes das galerias. Obras de terceira classe circundam uma obra importante sem qualquer reconhecimento -sem falar na explicação- do que, fundamentalmente, as diferencia. (BERGER, 1999: 90)

É inegável que os conceitos moderno e contemporâneo de obra-prima, na arte, se encontram em estreita relação com a reputação de grandes galerias e museus; não obstante, dado que, como diz Cumming, a função, o objetivo e as expectativas depositadas numa obra de arte não são constantes através do tempo, seria honesto limitar as coleções museográficas às produções com esse fim, mas não é o que acontece: artes rituais, mortuárias e esotéricas, artes produzidas para ficarem enterradas ou enclaustradas pela eternidade, são profanadas a fim de abarrotar as coleções de galerias e museus.

Giulio Carlo Argan parece estar ciente da extensão do conceito com que lida, ao tentar diferenciar o valor da arte pela forma e representatividade visual. Diz ele:

O conceito de arte não define, pois, categorias de coisas, mas um tipo de valor. Este está sempre ligado ao trabalho humano e às suas técnicas e indica o resultado de uma relação entre uma actividade mental e uma actividade operacional. Esta relação não é a única possível: também uma obra de engenharia pode realizar uma relação perfeita de ideação e execução, e nem por isso é uma obra de arte. O valor artístico de um objeto é aquele que se evidencia na sua configuração visível ou como vulgarmente se diz, na sua forma, o que está em relação com a maior ou menor importância atribuída à experiência do real, conseguida mediante a percepção e a representação.¹ (ARGAN; FAGIOLO, 1994: 14)

O problema é que a forma, em relação experiencial com o real, e representada com base na percepção, pode também ser característica de uma excelente solução da engenharia na construção de uma obra civil, mecânica ou eletrônica como, de fato, opinava a vanguarda futurista na Itália de Mussolini e, a bem da verdade, coisas evidentes como ideogramas ou sinais e símbolos visuais deveriam também, dada a perspectiva, ser objeto da História da Arte.

Em função, talvez, de tal complexidade, as tentativas de deslocar o problema conceitual da arte não são raras, como podemos notar no texto de H. W. Janson, quem pretende fundamentar o campo da arte na noção de belo estético, embora ele próprio reconheça a ausência de consenso nessa área:

Embora não cheguemos a nenhuma conclusão definitiva, podemos ainda assim lançar alguma luz sobre estas questões. [...] A arte é, portanto, também um objeto, mas não é um objeto qualquer. A arte é um objeto estético, feito para ser visto e apreciado pelo seu valor intrínseco. As suas características especiais fazem da arte um objeto à parte, por isso mesmo muitas vezes colocado à parte, longe da vida cotidiana, em museus, igrejas ou cavernas. [...] talvez que os problemas levantados pelo "belo" sejam inerentemente insolúveis. Durante o século passado, a Estética tornou-se também objeto de estudo da Psicologia, mas também aí não se chegou a nenhum consenso. (JANSON, 1989: 09)

¹ Os destaques figuram em itálico no original.

Ainda na esteira do belo, Juan Nonell, com ar sofismático em sua definição epistemológica da História da Arte, sugere uma estranha alquimia que dissociaria a cultura e o espírito – a reserva do que se entenda por esses termos – ao afirmar que: “A História da Arte é a história daquilo que de mais belo produziu o homem. A contemplação desta história, de modo ordenado, é mais uma satisfação do espírito do que um trabalho meramente cultural.” (NONELL, [s.d.]: 01)

E por falar de espiritualidade, Fritz Baumgart acredita que:

[...] sem crença (religião) a arte não é possível. [...] O sentido da atividade artística não se encontra em primeiro lugar na realização de funções pragmáticas e materiais, sejam elas de natureza propagandístico-pedagógica, político-social ou mesmo formal hedonística. Isto pode ser acrescido, mas não condiciona o impulso original de uma atividade que desde o início parece ter sido peculiar ao homem como uma característica necessária. Mas para que é necessária? A arte não modifica o mundo, como fazem as ferramentas. Ela serve menos à realização prática da vida do que à sua organização. (BAUMGART, 1999: 01)

A pergunta inevitável é a seguinte: É possível realizar a vida prática sem organização? A técnica, subjacente à realização da praticidade de Baumgart é, ela própria, uma organização e, afinal de contas, para que realizar a vida prática se não para organizá-la?

Enfim, quiçá a postura mais honestamente divertida seja a assumida por Gombrich, quem se instala numa espécie de brincadeira onde reivindica o poder travesso de determinar o artístico a seu gosto e prazer:

Nada existe realmente a que se possa dar o nome Arte. Existem somente artistas. [...] Não prejudica ninguém dar o nome da arte a todas essas atividades, desde que se conserve em mente que tal palavra pode significar coisas muito diversas, em tempos e lugares diferentes, e que Arte com A maiúsculo não existe. Na verdade Arte com A maiúsculo passou a ser algo como um bicho-papão, como um fetiche. Podemos esmagar um artista dizendo-lhe que o que ele acaba de fazer pode ser excelente a seu modo, só que não é “Arte”. E podemos desconcertar qualquer pessoa que esteja contemplando com deleite uma tela, declarando que aquilo que ela tanto aprecia não é Arte mas uma coisa muito diferente. (GOMBRICH, 2008: 15)

Minha intenção é simples. Busco evidenciar a fragilidade epistemológica da História da Arte, embora não porque pretenda discuti-la; a mesma fragilidade pode ser evidenciada em muitos outros campos do saber científico. Proponho, entretanto, que tal fragilidade não se deve à ambiguidade conceitual do objeto-arte, mas à própria tentativa de fazer da arte um campo de estudo distinto é independente da complexidade fenomênica da vida humana em correlação com o meio.

Como sugerir, a História da Arte, enquanto *episteme*, encontrou suas bases no racionalismo renascentista, em oposição, de acordo com Pierre Francastel (1990), ao pensamento mítico que caracterizou a antiguidade e retomou lugar durante a – assim

chamada – noite medieval. Como o havia também reportado Lévy-Bruhl (1938), essa espécie de misticismo do passado, antes de compelir a qualquer reflexão, concentrava seus esforços na adaptação, o que supõe uma intensa interação da espécie com seu meio, oposta à postura espectadora e afastada que emerge da quase totalidade das definições anteriores.

Entretanto, sendo este um texto especulativo, a fim de minimizar excessos retóricos e metafísicos, procedo à revisão analítica, à luz de estudos focados na dinâmica do pensamento mítico, de uma peça arcaica, cara à História da Arte. Perguntarei à Vênus de Willendorf – que para Nonell representa a adoração muda, íntima, secreta e inconfessável de uma moça de nádegas hipertrofiadas² (NONELL, [s.d.]: 03) – sobre sua relação com a vida humana e seu ambiente natural, pois, de acordo com Hauser, acredito “cada vez mais difícil sustentar a teoria do primado de uma arte afastada da vida e da natureza.” (HAUSER, 2000: 01)

A meu ver, este exercício virá corroborar a necessidade de articular o foco da História da Arte com a complexidade da existência cultural e natural, ao tempo que permitirá ampliar e articular o caráter mágico de fertilidade que Baumgart (1999: 06) percebe na peça, sem descartar os aspectos técnicos de elaboração e refinamento de formas acidentais no material trabalhado que Janson (1989: 29) supõe na mesma obra.

UMA VÊNUS FEITA ARTE EM WILLENDORF

Em 1908, numa estação paleolítica de caçadores de mamutes, na baixa Áustria, o paleontólogo Hugo Obermaier descobriu uma estatueta de 10,45 cm de altura, talhada em calcário (material que não é típico da região) e com idade aproximada de 25,000 anos, apresentando restos de ocre vermelho que, supõe-se, outrora cobria a peça por inteiro. (BOZAL et al., 1995)

Trata-se de uma antropomorfização aparentemente feminina e que, portanto, enquadrou-se na designação inaugurada em 1864 pelo arqueólogo Paul Hurault, VIII Marquês de Vibraye, quem, tendo descoberto, na França, uma estatueta com a abertura vaginal à mostra, nomeou-a “Vênus impudica”, em contraste à Afrodite de Praxíteles, a “Vênus pudica” que cobre o púbis com a mão. (WHITE, 2006)

² Nonell utiliza o termo *esteatopígica*: do grego *steatos*, gordura, e *pyge*, nádegas.



Fig. 1 Vênus de Willendorf. Recuperado de <https://br.pinterest.com/pin/496240452665678106/> acesso em 17/05/2017

Assim, pois, a descoberta de Obermaler entrou para o corredor da fama como mais uma Vênus, desta vez, a “Vênus de Willendorf”.

Obviamente, a designação de “Vênus impudica” tem sido criticada por refletir posturas do senso comum ocidental. Como mencionei, posturas que denotam ênfase na procura do que se pretende encontrar, muitas vezes a despeito do que se poderia ter encontrado, e que, portanto, acabam por condicionar os âmbitos e resultados da pesquisa.

Por motivos que mereceriam ampla discussão em outro espaço, a “Vênus pudica” de Praxíteles é tida como um modelo de padrão de gosto no que tange à aparência feminina e, por incrível que possa parecer, isto tem levado seríssimos pesquisadores, de múltiplas áreas, incluindo a História da Arte, a especular na Vênus de Willendorf um padrão de gosto, equivalente ao ocidental, nas culturas euroasiáticas do paleolítico. Felizmente, como observam Dixson e Dixson (2011), antropólogos sugerem que a profusão de Vênus – pois a Vênus de Willendorf não é única, quase 250 Vênus do paleolítico tem sido encontradas entre o oeste francês e o lago Balkal – não tinha a finalidade de publicitar nenhum padrão de gosto, mas antes, ritualizar votos de sobrevivência, fertilidade e longevidade, como sugere Baumgart (1999), com o “caráter mágico de fertilidade” que atribui à peça.

Nesta perspectiva, o acúmulo de gordura que em Nonell ([s.d.]) provoca uma “adoração muda, íntima, secreta e inconfessável”, responderia melhor à natureza humana enquanto pertencente à classe dos mamíferos, pois somos animais homeotérmicos, o que significa que temos a capacidade de manter a temperatura corporal estável. Acontece

que o tecido adiposo joga um papel importante nessa função tireóidea e, portanto, pode ser potencializada com uma dieta hipercalórica em alternância com jejuns. (BIANCO, 2000) Consideremos que as regiões onde estas pretensas “gordinhas sensuais” têm sido encontradas gozam de longos períodos climáticos de baixas temperaturas.

Para nós, humanos urbanos, esta capacidade é um grande incômodo, pois ela supõe que, instintivamente, somos compelidos a comer vorazmente quando há disponibilidade de alimento, dado que os períodos de escassez de alimentos, nas estações frias, obrigam-nos a jejuar, potencializando a termogênese que garantiria nossa sobrevivência. A questão, como sabemos, é que na vida urbana não há períodos de escassez alimentar, o que nos conduz a transtornos de saúde de proporções pandêmicas e, por isso mesmo, talvez, nosso foco de atenção tenha dificuldade em considerar o fato.

A pesar das limitações impostas pelo senso comum do Marquês de Vibraye, faz sentido pensar nossa estatueta, em comparação com as centenas descobertas em semelhança, como uma Vênus; mas, para tal, antes de qualquer coisa, devemos considerar que Vênus é um planeta. Sua trajetória visível desde a terra acompanha a trajetória solar, o que explicaria geograficamente os locais onde as estatuetas têm sido encontradas, pois a região se estende de oriente a poente.

Segundo Chevalier e Gheerbrant, os buriatas, povo nômade, caçador e coletor do ramo mongol, veem nesse astro o espírito tutelar de seus cavalos (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2001: 937), o que implica, por um lado, uma simbolização energética: a da força de trabalho e da velocidade constatáveis no animal; energia que, dentre outros atributos, implica também a geração de calor. Por outro lado, trata-se de um inestimável meio de transporte que nos obriga, novamente, a considerar a rota euroasiática entre oriente e ocidente; tanto quanto a origem estrangeira do material empregado na elaboração da estatueta.

Enquanto astro resplandecente, Vênus é a “estrela” que, todo dia, nasce no oriente e morre no ocidente, portanto, é símbolo de morte e renascimento, o princípio cíclico da existência natural. Acontece que a Lua é também um astro que nasce, cresce, decresce, desaparece e surge novamente. É um astro que morre, mas sua morte não é definitiva, subscreve-se à lei de nascimento e morte que configura em ciclos o eterno retorno às formas iniciais da vida. (ELIADE, 2008: 127-152) Além disso, a Lua tem influência direta sobre os ciclos de fertilidade na terra, fundamento de sobrevivência e contraparte da desintegração na morte. Destarte, nas crenças dos buriatas, dos iacutos, dos quirguizes, dos antigos turcos e dos sumerianos, Vênus é filha da Lua e irmã do Sol, donde é vista como uma espécie de ligação entre as divindades do dia e da noite (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2001: 937-938), isto é, uma espécie de elo que procura aproximar a positividade da luz com a negatividade das trevas.

Neste aspecto é possível especular sobre a pretensa feminilidade da Vênus de Willendorf e das Vênus que lhe assemelham. É inegável a explicitude da genitália feminina

em um bom número dessas estatuetas, entretanto, uma observação minuciosa do que parecem ser seios na Vênus de Willendorf, revela-nos que, no lugar dos mamilos, há fendas entalhadas. As mesmas fendas visíveis nos peitos da Vênus de Dolní Věstoni ou na Vênus de Laussel. Os membros superiores da Vênus de Willendorf, como da maioria das estatuetas em foco, são visivelmente atrofiados e rodeiam a base superior dos “seios”, assemelhando uma pele. Desta feita, sob certos ângulos, estas protuberâncias, munidas de uma fenda na extremidade e emolduradas por uma pele que protege a base superior, sugerem o órgão genital masculino. Penso que, no lugar dos seios, a Vênus de Willendorf ostenta um par de glândes penianas. Isto explicaria a pose de um chifre na mão direita da Vênus de Laussel, também conhecida como a “Dama do chifre”, pois, além da semelhança desse objeto com a Lua, o chifre é um objeto pungente, convexo, positivo em uma extremidade, enquanto é côncavo e, portanto, negativo na extremidade oposta. O chifre é, pois, um símbolo de equilíbrio entre os opostos que possibilitam a existência. Como observou Jung, a ambivalência do chifre sugere amadurecimento pela assimilação íntegra e equilibrada do princípio ativo, masculino, e do princípio passivo, feminino, coexistentes em uma única personalidade. (JUNG, 2011: 498)

Assim, acredito que a Vênus de Willendorf não é a representação de uma mulher, mas a antropomorfização de uma concepção complexa sobre as polaridades da existência, donde a ausência de rosto nessa profusão de estatuetas, pois não se trata de indivíduos célebres, mas de noções profundas que, desde o universo pulsional e sensitivo da fisiologia do ser, assomam parcamente ao pensamento abstrato. Da mesma forma, a atrofia dos membros superiores retira essas criaturas da vida mundana, pois é com a força dos braços e as articulações das mãos que os humanos modificamos o ambiente para nossa sobrevivência, as Vênus da região abolem esta possibilidade, dado que se apresentam como possibilidades exemplares, supraterras, de uma ordenação ideal.

Como observa Mircea Eliade, a perfeição espiritual somente se alcança pela reintegração da totalidade, isto é, a reunião solidária das potências mágico-religiosas de ambos os sexos. (ELIADE, 1999) Destarte, se partimos da base dos membros inferiores, em sentido ascensional, até a cabeça da Vênus de Willendorf, encontraremos, como realização máxima, a reunião totalizante de ambas as polaridades: a masculina, representada na positividade da própria cabeça, e a feminina, que corresponde à espécie de cesta que, independentemente de ser constituída de cabelos ou de fibras naturais, enquanto recipiente, é convexa. (TRESIDDER, 2003: 80) Como observa Chevalier e Gheerbrant, o hieróglifo egípcio da cesta significa “o todo feito Deus, o universo e Deus confundidos num Ser único.” (2001: 226)

Estes mesmos autores observaram que o Ser total, o que reúne ambos os sexos é, portanto, andrógino, se encontra “ao alvorecer de toda cosmogonia, como também no final de toda escatologia.” (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2001: 52) Confesso que isto é pura especulação, mas esta visão de início e fim num princípio totalizado que reúne a

bipolaridade material e, portanto, se comprime em dimensões microescalares, me remete à forma basilar, romboide, que determina as formas de grande parte das Vênus em foco; como se o andrógino primordial sofresse uma secção bipolar e se ampliasse em existência para, na proporção inversa, aos poucos, voltar a seu estado inicial.

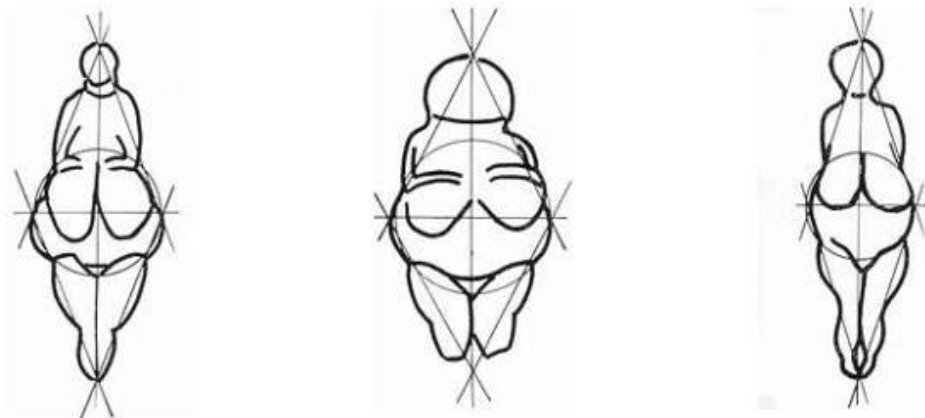


Fig. 2 Esquema Vênus do paleolítico. Recuperado de <https://netnature.wordpress.com> acesso em 21/05/2017

Eis, quiçá, a história especulativa da expansão e da retração universal, A trajetória da grande explosão que possibilitou a aventura da existência.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como disse, a tentativa de constituir uma “História dos Objetos Coloridos sem Função Prática”, ou alguma coisa do estilo, talvez fizesse mais sentido se fosse restrita à história moderna e contemporânea; embora haveria, ainda, a necessidade de justificar a coexistência das obras de Matthias Grünewald com as ideias de Damien Hirst, por citar pontos de comparação. Em todo caso, o que é claro é que o racionalismo moderno deveria, por respeito, despojar-se ou, ao menos, flexibilizar seus moldes ideológicos antes de penetrar, em atitude investigativa, universos que lhe são alheios. Resulta lamentavelmente limitante impor nossa objetividade epistêmica ao objeto investigado. Dada a abertura científica que vivenciamos no século XXI, é chegada a hora de incluir o outro em nossas perspectivas. O outro tempo, o outro lugar, o outro pensamento, o outro experiência. Não há evidências de uma via diferente para aproximar um real conhecimento objetivo.

Como observa Hauser:

Os criadores dos desenhos paleolíticos de animais eram, ao que tudo leva a crer, caçadores “profissionais” – pode-se presumir isso com certeza quase absoluta a partir de seu conhecimento íntimo de animais – e é improvável

que como "artistas" (ou como quer que fossem chamados) estivessem isentos da obrigação de prover alimentos. [...] dificilmente se pode duvidar de que as pessoas capazes de produzir tais obras também fossem olhadas como dotadas de poderes mágicos, e veneradas como tais. (HAUSER, 2000: 19)

Numa atitude como esta, o pesquisador é obrigado a mais do que a mera coleção de dados para, ato seguido, força-los a encaixar em suas gavetas taxonômicas; é obrigado a interpretar os fatos deduzindo-os criativamente, ancorado na disponibilidade experiencial que lhe fornece contato com a dimensão irracional do fenômeno. Como diz Eliade, "o meio apropriado para se aprender o sentido de uma situação humana exemplar não é a 'objetividade' do naturalista, mas a simpatia inteligente do exegeta, do intérprete." (1999: 04) De cara, o historiador vê-se obrigado a conversar, a partir de suas experiências, com o arqueólogo, com o psicólogo, com o mitologista, o biólogo, o teólogo, o artista, o filósofo, enfim, como defende Morin (1970), é obrigado a encaminhar-se a uma Grande Antropologia, pois, o que procuramos, a final de contas, é conhecer a nós mesmos.

Ocidentais e ocidentalizados não poderemos viver indefinidamente abstraídos de partes importantes de nós mesmos, magia e espiritualidade são dimensões que implicam fortes, amplos e profundos vínculos com a vida natural, irracional e instintiva e, por se tratar de nós, vale a pena conhece-la; mas, para o efeito, não basta mais a linguagem empírica e utilitária de hoje, acorde com Eliade, é preciso uma...

"[...] linguagem cultural, capaz de exprimir realidades humanas e valores espirituais. Tal diálogo é inevitável; está inscrito na fatalidade da história. Seria uma ingenuidade trágica acreditar que ele pode prosseguir indefinidamente no nível mental em que ainda se encontra." (ELIADE, 1999: 07)

Em todo caso, resulta-me claro que não é, de fato, possível aproximar-se da vida, como pretende Cumming, apenas observando tesouros artísticos em coleções de grandes museus. A Vênus que veio até nós como testemunho de vida articulada à dinâmica do cosmos, reduzir-se-ia a uma estatueta feita apenas "arte", como consequência de sua descoberta em Willendorf.

REFERÊNCIAS

- ABBAGNANO, N. **Dicionário de Filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- ARGAN, G. C.; FAGIOLO, M. **Guia de história da arte**. 2ª ed. ed. Lisboa: Editorial Estampa, 1994.
- BARRAL I ALTET, X. **História da arte**. Campinas, SP: Papirus, 1990.
- BAUMGART, F. **Breve História da Arte**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- BERGER, J. **Modos de ver**. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.
- BIANCO, A. C. Hormônios tireóideos, UCPs e termogênese. **Arquivos Brasileiros de Endocrinologia & Metabologia**, v. 44, n. 4, p. 1–9, 2000.

- BOZAL, V. et al. **História Geral da Arte - Escultura I**. Madrid: Ediciones del Prado, 1995.
- CAMBI, F. **História da pedagogia**. São Paulo: UNESP, 1999.
- CHEVALIER, J.; GHEERBRANT, A. **Dicionário de símbolos**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2001.
- CUMMING, R. **Para entender a arte**. São Paulo: Ática, 1996.
- DIXSON, A. F.; DIXSON, B. J. Venus Figurines of the European Paleolithic: Symbols of Fertility or Attractiveness? **Journal of Anthropology**, v. 2011, p. 1–11, 2011.
- ELIADE, M. **Mefistófeles e o Andrógino**. 2ª ed. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- ELIADE, M. **Tratado de história das religiões**. São Paulo: Martins Fontes, 2008.
- FRANCASTEL, P. **Pintura e sociedade**. 1ª ed. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1990.
- GOMBRICH, E. H. **A história da arte**. 16ª ed. ed. Rio de Janeiro: LTC, 2008.
- GÓMEZ DE SILVA, G. **Breve diccionario etimológico de la lengua española**. 2ª ed. México: FCE, 1998.
- HAUSER, A. **História social da literatura e da arte**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- JANSON, H. W. **História da Arte**. 4ª ed. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1989.
- JUNG, C. G. **Psicologia e alquimia**. 5ª ed. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.
- KURY, M. DA G. **Dicionário de mitologia grega e romana**. 8ª ed. v. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.
- LÉVY-BRUHL, L. L' **expérience mystique et les symboles**. Ed. élect. ed. Paris: Félix Alcan, 1938.
- MORIN, E. **O homem e a morte**. 2ª ed. Lisboa: Publicações Europa América, 1970.
- NONELL, J. B. **Atlas de História da Arte**. 3ª ed. ed. Rio de Janeiro: Ibero-Americano, [s.d.].
- PLATÃO. **A República (E. Corvisieri trad.)**. São Paulo: Nova Cultural, 2000.
- PLOTINO. **Enneades**. Paris: Émile Brehier, 1924.
- SUBIRACH, J. M. Um buraco no espaço. In: **História Geral da Arte - Escultura I**. Madrid: Ediciones del Prado, 1995. p. 9–12.
- TRESIDDER, J. **O Grande Livro do Símbolos**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003.
- VELÁZQUEZ, C. **Mas afinal, o que é estética? Por uma redescoberta da educação sensível**. Lisboa: Chiado Editora, 2015.

WHITE, R. The Women of Brassempouy: A Century of Research and Interpretation. **Journal of Archaeological Method and Theory**, v. 13, n. 4, p. 250–303, 2006.

WINCKELMANN, J. J. **Histoire de l'art chez les anciens. M. Huber trad.** Paris: Barrois l'ainé & Savoye, 1789.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Arnaldo de Vilanova 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55

B

Brasil Império 1

C

Camboja 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 64

Casamento gay 93

Cooperativização 56, 57, 62, 63, 64

Cultura escolar 104, 105, 106, 107, 108, 111, 112, 113, 114, 115

Cultura política 1

D

Direitos 38, 70, 74, 93, 94, 95, 96, 97, 98, 99, 100, 102, 103, 121, 127, 134, 146, 148, 151, 153, 154, 155, 156, 157, 158, 159, 160, 161, 162, 163, 165, 190, 191, 192, 193, 194, 197, 199, 213, 218, 245, 247, 248, 249, 252, 257

Doutrina reformista 46, 47, 51, 54, 55

E

Educação 25, 26, 28, 29, 37, 39, 40, 67, 68, 69, 71, 74, 75, 76, 81, 91, 104, 105, 106, 107, 108, 111, 115, 118, 119, 120, 121, 122, 132, 140, 145, 148, 151, 152, 154, 155, 157, 162, 163, 189, 212, 213, 214, 215, 217, 218, 219, 220, 221, 222, 224, 225, 245, 247, 252, 256, 257, 259

Ensino integrado 67

Extensão 40, 60, 67, 83, 95, 98, 104, 105, 106, 107, 108, 111, 112, 113, 114, 115, 116, 119, 124, 197, 212, 213, 222

G

Garantias fundamentais 93, 95, 102

H

História 4, 10, 19, 25, 26, 27, 30, 37, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 47, 53, 54, 55, 56, 60, 65, 67, 68, 69, 70, 75, 76, 78, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 86, 89, 90, 91, 104, 107, 109, 110, 111, 112, 114, 115, 118, 121, 125, 131, 132, 134, 135, 136, 137, 141, 143, 144, 145, 146, 148, 149, 151, 166, 167, 170, 171, 173, 174, 177, 178, 179, 180, 181, 183, 185, 186, 187, 189, 199, 200, 201, 202, 207, 210, 226, 227, 228, 231, 233, 234, 241, 242, 245, 246, 248, 249, 253, 259

História da arte 80, 81, 82, 83, 84, 85, 86, 90, 91

História indígena 134

Historiografia 60, 67, 68, 104, 107, 108, 115, 155, 169, 171, 172, 175, 176, 177, 180, 186, 226

Homossexuais 93, 94, 95, 97, 98, 100, 103

I

Identidade 17, 22, 71, 77, 93, 96, 99, 102, 108, 110, 111, 112, 134, 139, 140, 142, 143, 144, 145, 150, 221, 236, 237, 240, 242, 243, 249

Igreja 17, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 103, 121, 183, 184, 187

Indissociabilidade entre ensino 104, 105, 107

K

Khmer vermelho 56, 57, 58, 62, 64, 65

L

Legislação 25, 26, 27, 28, 30, 31, 33, 34, 35, 37, 38, 39, 126, 131, 163, 191, 193, 195, 196, 215, 216, 250

Liberdade sexual 93, 102

M

Memória 17, 20, 42, 44, 55, 104, 105, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 134, 135, 144, 145, 147, 148, 150, 151, 153, 154, 156, 157, 158, 159, 160, 161, 164, 166, 167, 168, 171, 172, 173, 175, 176, 177, 179, 180, 181, 200, 222, 226, 233, 234, 238, 242, 245, 246, 247, 248, 249, 251, 253, 257

P

Partido Comunista do Kampuchea 56, 57, 58, 63

Pensamento mítico 80, 84, 85

Pernambuco 1, 2, 3, 6, 7, 9, 10, 34, 39, 41, 119, 120, 133, 134, 135, 137, 140, 145

Pesquisa 26, 27, 43, 45, 47, 67, 69, 74, 75, 77, 78, 80, 86, 93, 104, 105, 106, 107, 108, 111, 113, 114, 115, 125, 130, 140, 147, 149, 164, 177, 190, 202, 204, 205, 206, 212, 222, 226, 227, 229, 232, 233, 235, 247, 248

Política 1, 6, 13, 21, 23, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 42, 43, 44, 45, 59, 60, 61, 62, 63, 69, 70, 71, 72, 94, 110, 117, 118, 120, 121, 122, 123, 124, 126, 127, 131, 132, 135, 142, 145, 151, 152, 166, 169, 174, 175, 176, 179, 180, 183, 185, 186, 189, 190, 191, 192, 193, 194, 195, 196, 198, 199, 200, 203, 206, 207, 208, 209, 213, 214, 215, 216, 217, 218, 219, 220, 222, 223, 224, 225, 227, 237, 238, 241, 249, 250, 251, 252, 257

Pol Pot 56, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 66

Povo Pankará 134, 145

Práticas educativas 104, 107

R

Racionalismo 80, 84, 89

Regência 1, 6, 7, 212

Resistência 9, 35, 67, 68, 69, 73, 120, 122, 123, 131, 134, 135, 139, 145, 169, 191, 234, 243, 244, 251, 255, 256, 257

S

Sociedade 6, 18, 22, 25, 27, 28, 29, 30, 31, 35, 36, 37, 39, 40, 51, 52, 54, 57, 58, 59, 61, 63, 64, 65, 69, 70, 71, 74, 77, 82, 91, 93, 94, 95, 98, 101, 102, 106, 107, 109, 111, 117, 118, 120, 121, 122, 123, 127, 128, 131, 144, 151, 153, 155, 156, 157, 158, 159, 161, 163, 164, 165, 173, 187, 191, 198, 200, 202, 203, 204, 205, 206, 207, 210, 211, 212, 213, 214, 215, 217, 221, 222, 223, 224, 225, 230, 232, 235, 240, 244, 249, 252, 255

Super Facto Adventus Antechristi 46

U

União estável 93, 94, 95, 97, 98, 100, 101

V

Vênus de Willendorf 80, 85, 86, 87, 88

História e Política:

Pensamentos
constitutivos
e críticos



2

- 🌐 www.atenaeditora.com.br
- ✉ contato@atenaeditora.com.br
- 📷 @atenaeditora
- 📘 www.facebook.com/atenaeditora.com.br

Atena
Editora
Ano 2022

História e Política:

**Pensamentos
constitutivos
e críticos**



2

- 🌐 www.atenaeditora.com.br
- ✉ contato@atenaeditora.com.br
- 📷 @atenaeditora
- 📘 www.facebook.com/atenaeditora.com.br